

CEDI - P. I. B.
 DATA 31 / 12 / 86
 COD TMD03

OS TENHARIM: UM GRUPO TUPI À BEIRA DA TRANSA-
MAZÔNICA (1)

Os Tenharim do Rio Marmelos, junto com outros grupos tribais tais como os Parintintin, Diarroi, Apairandê, etc... integram a população indígena de origem tupi localizada nos afluentes da margem direita do médio Madeira. Todos estes grupos se autodefinem como Kawahiwa que, no dialeto utilizado por eles, significa "a gente", "nós índios", em contraposição à Aipin que quer dizer "estrangeiro" ou "inimigo".

No início do século XX, os Tenharim formavam uma população de aproximadamente 2.000 índios que habitavam em diversas aldeias localizadas entre o Rio Maicy e o Igarapé Mafuy. Essas aldeias estavam formadas por uma única casa grande que podia alojar até 200 pessoas. Hoje os Tenharim são 250 indivíduos sediados principalmente na aldeia do cruzamento da BR-230 (Transamazônica) com o Rio Marmelos e em outros locais de menor importância (vide fig. 1). A aldeia (constituída por várias casas que abrigam, cada uma delas, uma família) e os dois locais de assentamento temporário formam parte da "Reserva Projetada Tenharim", uma área de 372,000 Ha., sob jurisdição da FUNAI e localizada no limite dos Municípios de Humaitá e Manicoré, no Estado de Amazonas.

Da mesma forma que outros grupos Tupi do Brasil, os Tenharim são portadores da cultura característica dos caçadores-agricultores adaptados à Floresta Tropical. A economia tradicional, que objetivava a subsistência do grupo, era baseada numa agricultura bem desenvolvida. Nas suas roças eram cultivados o milho (cinco variedades), a mandioca, a batata doce, a abóbora, o algodão e outros produtos. Essa economia complementava-se com a pesca, realizada com arco e flecha ou timbô, e com a caça, antavoados ou macacos eram os animais mais procurados. Hoje, os Tenharim são obrigados a utilizar grande parte do tempo antes dedicado a essas atividades tradicionais, para a extração da Castanha-do-Pará, Seringa ou Sorva, produtos que comercializam com a população regional envolvente. Também alguns produtos da cultura material do grupo, como a cestaria, plumária, arcos e flechas, são confeccionados para serem vendidos como artesanato. O objetivo principal deste comércio é a aquisição de produtos industrializados tais como alimentos (café, açúcar, bolachas, pão, enlatados, etc), roupa, painéis ou rádios a pilha.

Os efeitos nocivos do contato com o branco tem alte-

GEI Kurumim vinculado ao Depto de Antropologia, Filosofia e Política do ILCSE/UNESP Araraquara

rado completamente a forma tradicional de vida deste grupo. A habitação tampouco escapou a este processo. A Casa Grande que constituía cada uma das aldeias Tenharim e que acolhia todas as famílias que integravam a aldeia foi suplantada por casas individuais de paxiúba (Iriartea exorrhiza) à moda da população regional envolvente.

No que diz respeito à sua organização social, os Tenharim encontram-se agrupados em famílias nucleares. A herança social é patrilinear, ou seja, cada indivíduo é reconhecido pela linha de descendência do pai. Por outro lado, os Tenharim estão agrupados em duas unidades clânicas que determinam a identificação de cada indivíduo dentro do grupo. Esses clãs são o do Kwan dũ (harpia harpyia ?) e o do Mutum (crax. sp./Mitu sp. ?). Estes são exogâmicos, ou seja, as pessoas que formam parte de um deles não podem casar entre si, devendo fazê-lo com alguém do outro clã. Assim, em cada família, o casal que a forma representa cada uma dessas unidades clânicas. Como a herança é patrilinear, todos os filhos pertencerão ao clã do pai e na hora do casamento, por sua vez, procurarão esposos no outro clã.

Na época anterior ao contato com o branco, cada aldeia Tenharim possuía um Tuxáua (chefe) que também desempenhava as funções de Pajé, o que significava tomar conta da saúde de todos e entrar em contato com o mundo dos espíritos. Atualmente os Tenharim possuem um Tuxáua, mas, infelizmente, ele não teve instrução como Pajé. Assim, no que diz respeito ao tratamento de doenças, eles dependem da medicina do branco, tendo, portanto, perdido o conhecimento secular da terapia baseada em elementos naturais.

Entretanto, essa descaracterização cultural é o resultado de um processo mais ou menos lento que só passa a acelerar-se nos últimos tempos. Desde meados do século passado, os Tenharim ofereceram, junto com os outros grupos Kawahiwa, forte resistência aos intentos de penetração de seu território por parte das frentes pioneiras dedicadas à extração da borracha, que partiam da cidade de Humaitá. Só a partir da década de 1940 passaram a ter contato permanente com alguns seringueiros e, desde então, o relacionamento com a população regional foi cada vez mais intenso, passando a sofrer as consequências do contato indiscriminado: perda dos padrões culturais originais (aculturação), doenças, alcoolismo, etc. Os efeitos dessa aculturação vem-se agravando particularmente a partir da década passada, com a abertura da estrada Transamazônica que cruza toda a Reserva Tenharim fato

ILCS/UNESP
 Araraquara
 Junho/86
 Ano III
 nº 25

que possibilitou a implantação na região de grandes projetos agrícolas por parte do INCRA e a ação de empresas mineradoras, a celerando-se assim o processo de desorganização pelo fato de o traçado da mesma passar por dentro da própria aldeia Tenharim. Ônibus, caminhões, carros particulares com sua carga de poluição e de elementos prejudiciais passam incessantemente, dia e noite, a poucos metros das casas Tenharim. Assim, depois do embate inicial da frente extrativista, integrada por elementos originários do Maranhão, Ceará ou Pernambuco, com longos anos de atuação na região, os Tenharim sofrem agora o choque produzido pela frente de expansão agrícola, formada por contingentes provenientes do sul do país (Paraná, Santa Catarina). Novos hábitos, nova relação com a terra, desrespeitando a racionalidade com que as sociedades tradicionais se relacionavam com o meio ambiente, são impostos violentamente. Desse modo, em nome de um Desenvolvimento e de um Progresso suspeitos, os Tenharim, pela integração compulsória numa realidade que lhes é completamente estranha, assistem cotidianamente à destruição de seu habitat o que implica, se nada for feito em contrário, na destruição de sua cultura como Nação Indígena e conseqüentemente sua destruição como indivíduos.

MIGUEL ANGEL MENENDEZ
 Professor Assistente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia/ILCSE/UNESP
 Membro do G.E.I. Kurumim

(1) A matéria contida na presente notícia sobre os Tenharim do Rio Marmelos foi levantada durante duas temporadas de trabalho em campo, relativas ao projeto de pesquisa: "A organização social dos Kawahiwa. Uma contribuição para o conhecimento dos Tupi centrais". Realizadas em julho de 1983 e fevereiro de 1984, respectivamente. O principal informante nessas duas oportunidades foi Kuahã, o tuxaua dos Tenharim.

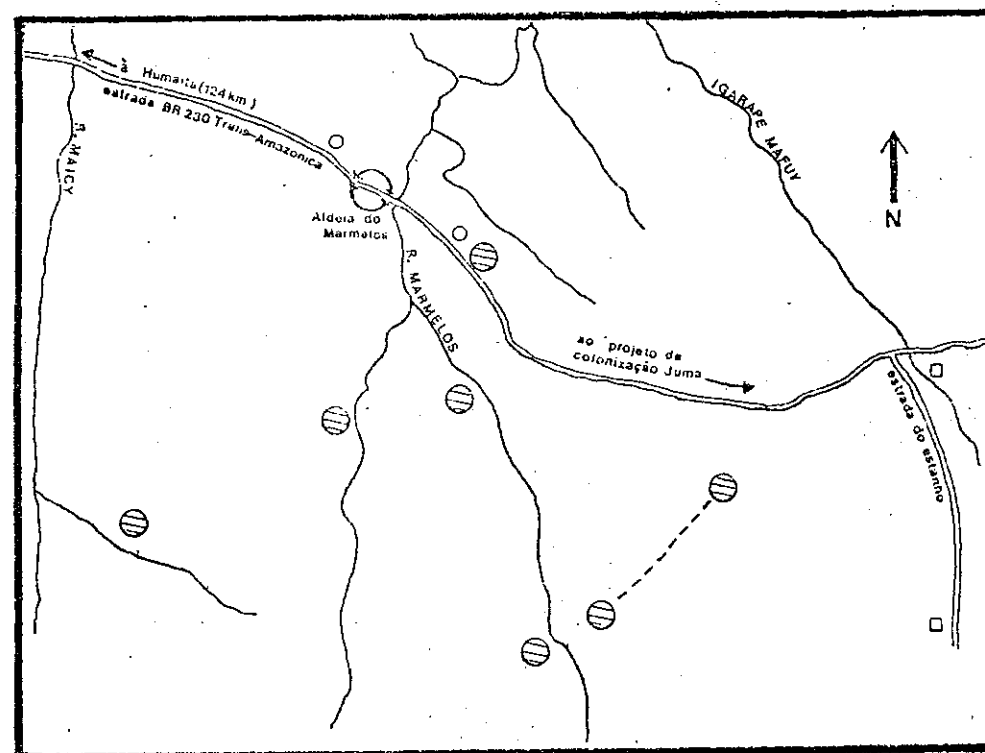


Fig. 1 - Território ocupado historicamente pelos Tenharim:

LEGENDA

- - Aldeia Atual
- - Assentamentos temporários
- - Assentamentos permanentes fora do limite da reserva
- ⊖ - Aldeias extintas